

# Por amor às Serpentes: Histórias, Encontros e Ciência no Brasil Oitocentista



Janaina Zito Losada<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo deseja contar uma história das serpentes no Brasil a partir dos relatos de viajantes estrangeiros que atravessam o país durante o século XIX. Nas fronteiras entre a história ambiental e os estudos humano animais, esta reflexão busca encontrar os lugares das cobras na escrita da história no Brasil e contar sobre os encontros entre animais humanos, aqui viajantes de letras e animais não humanos, silvestres ou predadores, répteis da ordem *Squamata* que são as Cobras ou ofídios. Esta história também busca compreender as ciências que se engendram na identificação, descrição e inventário de espécies e indivíduos encontrados, suas características principais, os usos possíveis, os perigos das cobras peçonhentas e as relações interespecies que estes encontros produziram. Serão abordados os relatos das viagens de Grigori Ivanovich Langsdorff (1774-1853), Heinrich W. Adalbert da Prússia (1811-1873), Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1811-1873), Maximilien Alexander Philippe zu Wied Newied (1782-1867) e Richard Francis Burton (1821-1980).

**Palavras-chaves:** serpentes; viajantes; século XIX; história; humano-animal.

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná/UFPR. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES) e do Curso de História na Universidade Federal do Sul da Bahia/UFSB. Pesquisadora visitante do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Orcid: 0000-0002-6038-454X. E-mail: janainalosada@ufsb.edu.br

“Uma farta diversidade biológica exige longos períodos de tempo geológico e a acumulação de grandes repositórios de genes não repetidos. Os ecossistemas mais ricos se formam lentamente, ao longo de milhões de anos. [...] Um panda ou uma sequoia representam um grau evolutivo que só surge muito raramente. É preciso um golpe de sorte e um demorado período de sondagem, experimentação e fracassos. Uma tal criação é parte de uma história profunda. E o planeta não tem os meios, nem nós o tempo, para vê-la repetir-se”<sup>2</sup>

**N**a citação do conservacionista norte americano com a qual iniciamos este artigo, poderíamos tranquilamente substituir pandas e sequoias de ecossistemas frios e distantes pelas tropicalíssimas serpentes do continente latino americano, marcadoras da riqueza da biodiversidade do meio ambiente, da antiguidade do continente e essenciais para quem deseja escrever uma história ambiental do/no Brasil. Animais tão complexos quanto as mudanças profundas da história natural, foram inspiradores de mitos, lendas, crenças e incorporados de forma inequívoca nos sistemas de cultura humana<sup>3</sup>. A adoração à serpente é considerada uma das práticas rituais mais antigas da humanidade permanecendo hoje em populações tradicionais na Índia e no continente Africano<sup>4</sup>.

No Brasil a história dos encontros<sup>5</sup> entre serpentes e humanos/as é demasiadamente longa. Poderíamos encontrar seus indícios nas primeiras ocupações humanas do território americano, tendo em vista a longa e explosiva história de adaptação das serpentes aos ambientes naturais<sup>6</sup>, as condições ecológicas megadiversas desta porção do planeta<sup>7</sup> e a antiguidade das espécies destes animais em

<sup>2</sup> Edmund Wilson, *Diversidade da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 84.

<sup>3</sup> Na antiguidade existe uma *História dos Animais* escrita por Aristóteles. A edição de 2014 com Introdução de Maria de Fátima Sousa e Silva apresenta um índice dos nomes dos animais citados. São mais de vinte citações para “cobra-serpente” e 3 para “viboras”. A descrição se organiza na constituição dos corpos/organismos animais, a sua alimentação, o seu habitat e as formas de sua reprodução.

<sup>4</sup> Maria Goreti Ribeiro. *Imaginario da serpente de A a Z*. Campina Grande: Edupeb, 2017.

<sup>5</sup> Sobre a história dos encontros com animais ver Manuela Rossini & Tom Tyler (eds.), *Animal Encounters*, Boston: Brill, 2009; Lorelay Brilhante Kury, (org.), *Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX*, Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014 e Regina Horta Duarte, “História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação”, *História Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha*, 9(2), 16–44, 2019, <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2019v9i2.p16-44>, e sobre a história dos animais ver De Mello. *Animals and Society: an introduction to Human-Animal Studies*, New York: Columbia University Press, 2012.; Linda Kaloff, *Looking at Animals in Human History*, Londres: Reakiton Books, 2007.; Harriet Ritvo. “History and Animal Studies”, *Society and animal*, n. 10 (4), 2002. Disponível em <[https://www.rhinoresourcecenter.com/pdf\\_files/169/1698304885.pdf](https://www.rhinoresourcecenter.com/pdf_files/169/1698304885.pdf)>; e Robert Delort, *Les animaux ont une histoire*, Paris: Éditions du Seuil, 1984..

<sup>6</sup> Pascal O., Title et al, “The macroevolutionary singularity of snakes”. *Science*, 383, (2024): 918-923. <https://www.science.org/doi/10.1126/science.adh2449>

<sup>7</sup> Richard Primack e Efraim Rodrigues. *Biologia da Conservação*, Londrina: Editora Planta, 2001.

relação à espécie humana. Entretanto, em que pese a sua adaptabilidade, algumas espécies encontram-se atualmente em risco de extinção<sup>8</sup>.

As cobras inspiraram as culturas, entre os Pataxó no extremo sul da Bahia, na recuperação contemporânea das tradições das pinturas corporais, os padrões gráficos em desenhos que reproduzem as escamas das cobras encontradas na região são uma importante referência. Nesta cultura, na Terra Indígena de Aldeia Velha, em Porto Seguro, também persistem rituais para uma boa convivência com estes animais, no ensinamento da ancestralidade aprende-se a não nomear as cobras e outros grandes predadores para não espantar a caça, tendo em vista o medo que outros animais como peixes e aves teriam deles<sup>9</sup>. Outra história aí coletada pela cientista social Maria de Lourdes Lopes de Araújo é a de um jovem que depois de comer o coração de uma cobra foi capaz de sentir, ao longo da vida, a presença destes animais. Esta preparação serviria para que as cobras sentissem medo da presença do menino devido a sua coragem e dele nunca se aproximassem<sup>10</sup>.

Sobre a nomeação dos animais predadores, encontra-se um curioso paralelo em relação ao que conta o relato de Gabriel Soares de Souza que já em 1587 cita inúmeros encontros com cobras e descreve que, ao entrar nas matas baianas, pela noite, os indígenas imitavam a *Oacoam*, pássaros comedores de cobras, para afastar os ofídios. Segundo o relato “quando falam” estes pássaros “se nomeam pelo seu nome, em os ouvindo as cobras fogem”<sup>11</sup>. O tratado de Soares de Souza traz uma parte com o título “Da herpetologia e dos Batrachios e vários outros” que engloba cinco breves capítulos com a descrição das cobras a partir da coleta de informações com a populações indígenas. Aí figuram as *gibóias*, *sucurius*, *boiunas*, *araboias*, *taraiboias*, *cobra de coral*,

---

<sup>8</sup> No Livro Vermelho da Fauna – Répteis são sistematizados os dados de vulnerabilidade em relação à extinção, no Brasil, para 2018 - Squamatas: 4 espécies (CR) Criticamente em Perigo; 20 (EN) em Perigo; e 10 (V) consideradas Vulneráveis. (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*, Brasília: ICMBio, 2018, 4162, 18.)

<sup>9</sup> Maria de Lourdes Lopes Araújo, “Comidas tradicionais são comidas de antigamente”: soberania e segurança alimentar e nutricional na Terra Indígena Mata Medonha, [Tese de Doutorado] Porto Seguro: Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade/UFSB, 2024. 150. Daí decorre o raciocínio que peixes e aves poderiam compreender a fala/vocabulário humano, distinguindo nomes e os associando a espécies predadoras, um tema importante para os estudos da Etologia (Dominique Lestel, *As origens animais da cultura*, Tradução de Maria João Batalha Reis, Lisboa: Instituto Piaget, 2001.)

<sup>10</sup> *Ibid* Araújo, “Comidas,” 81.

<sup>11</sup> Gabriel Soares de Souza, *Tratado Descritivo do Brazil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851. 232.

*urubocas, geraracas, cascaveis, surucucus, caninanas, boiubus, ubiracoa e urabipiagaras*<sup>12</sup> entre outras serpentes encontradas nos caminhos ou serpentes míticas contadas e recontadas pela zoonimia indígena nos textos europeus<sup>13</sup>. O nome deste artigo segue a inspiração deste relato que descreve a relação entre as cobras e outras espécies não humanas e os humanos. Enquanto o pequeno pássaro de asas verdes, nomeado como Macacica foge das cobras, as abelhas baianas, chamadas *beru*, grandes e pardas, fazem seus ninhos altos, “no ar” “por amor às cobras”<sup>14</sup>, como o pássaro *Oacoam* citado a pouco.

Para além da polissemia simbólica experimentada ao longo da história o encontro com as serpentes é uma experiência extremamente comum nos interiores brasileiros e invariavelmente os dados destes encontros apenas são relatados quando se tornam acidentes chamados de “acidentes com animais peçonhentos” nas publicações especializadas da saúde pública. Segundo Rosany Bochner e Claudio Struchiner o Brasil registra anualmente 20 mil acidentes com serpentes, contando com uma média anual, entre 1990 e 1995, de 132 mortes, segundo o levantamento do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde (2003). Ainda temos que em 2022 foram 29.543 acidentes com 94 óbitos, segundo dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2023). A espécie campeã destes acidentes é a jararaca (*Bothrops jararaca*) encontrada em grande parte do território brasileiro, nas florestas e cerrados entre o Rio Grande do Sul, a Bahia e a região Amazônica. Ela é uma entre as 412 espécies de serpentes existentes no território brasileiro segundo o *Atlas of Brazilian Snakes*<sup>15</sup>.

Apesar de uma longa história de contatos e encontros interespecies envolvendo os humanos, a história dos encontros com as serpentes do Brasil ainda não foi contada. Estes animais silenciosos, antigos, numerosos e diversos, considerados perigosos, ocupam um espaço expressivo no imaginário religioso ou popular, mas pouco tem

<sup>12</sup> A nomenclatura desta lista de animais de Gabriel Soares de Souza segue a grafia do texto original.

<sup>13</sup> Nelson Papavero. “A zoonimia tupy nos escritos quinhentistas europeus”, São Paulo: NEHILP/FFLCH/USP, 2014. [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apapavero-2014-zoonimia/papavero\\_teixeira\\_2014\\_zoonimia.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apapavero-2014-zoonimia/papavero_teixeira_2014_zoonimia.pdf)

<sup>14</sup> Souza, *Tratado*, 239.

<sup>15</sup> Cristiano Campos Nogueira et al. “Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna.” *South American Journal of Herpetology* 14 (Special Issue 1) (2019) <https://doi.org/10.2994/SAJH-D-19-00120.1>

ocupado as preocupações na historiografia brasileira. Em uma rápida busca nos artigos científicos disponíveis na base Scielo, em que estão importantes revistas acadêmicas brasileiras, encontramos pouquíssimas menções quando o recorte de área se faz pela história. Cobras e serpentes aparecem em apenas 2 artigos<sup>16</sup>, 1 artigo tem como tema a herpetologia<sup>17</sup> e 1 artigo estuda a campanha do soro antiofídico em Minas Gerais<sup>18</sup>. Muito estudadas entre ecólogos, biólogos, químicos e veterinários, elas ganham pouca atenção quando entramos no território de Clio. Exceção feita às serpentes emplumadas maias e seu papel no imaginário arquitetônico do sítio arqueológico de Chinchán Itza no sul do México estudadas por Navarro e às serpentes do culto dionisíaco que inspiraram a revolta de Espártaco na antiga Trácia estudadas por Dobroruka. Já nas pesquisas realizadas nos Anais dos encontros da Associação Nacional de História se encontra o trabalho de Lia Dias Laranjeira, *O culto da serpente nas práticas religiosas do reino de Uidá (séculos XVII e XVIII)*<sup>19</sup>. Esta ausência se revela também nos dois importantes Dossiês sobre a história e os animais publicados pelas Revistas de história da Fiocruz em 2021 e pela Revista da Halac em 2024<sup>20</sup>. Ainda que este levantamento não tenha sido exaustivo, revela lacunas e, portanto, indícios de uma história possível e mesmo necessária.

Mesmo sendo uma divindade muito antiga e fundamental para a cultura de alguns importantes terreiros na religiões de matrizes africanas, como o Terreiro Ilê Axé Oxumaré de Salvador<sup>21</sup> e estando mesmo no cerne do pecado original na tradição crista

<sup>16</sup> Alexandre Guida Navarro, "Las serpientes emplumadas de Chichén Itzá, México, y las etapas de construcción de la Gran Nivelación", *História* (São Paulo) Volume 37 (2018) e Vicente Dobroruka. "O uso de Dioniso como item de propaganda na revolta de Espártaco: um estudo de caso", *Topoi*, Rio de Janeiro, Vol. 21 (44). Mai. /Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/2237-101X02104401>

<sup>17</sup> Tereza Cristina Ávila-Pires. "A contribuição de Osvaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) à Herpetologia", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Ciências Humanas. Volume 6, Nº 1, 229 – 231, (2011).

<sup>18</sup> Octávio de Magalhães, "Campanha Antiofídica em Minas Gerais", *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Volume 56, Nº 2. 291 – 369. (1958). Na consulta na base Scielo realizada em março de 2024 foram encontradas 50 referências ao termo cobra; 279 referências ao termo serpente e 30 para ofídios, sendo os três termos sinônimos. Nota-se que a grande maioria dos artigos estudam a ecologia animal, a ocorrência nos territórios brasileiros, os venenos de cada espécie, bem como os acidentes relatados ao Sistema de Saúde encontrando-se em periódicos das áreas da Biologia, da Conservação animal, da Zoologia e da Saúde Pública, sendo muito poucos nas Ciências Humanas e nas Ciências Sociais Aplicadas, e notadamente aqueles aqui citados relativos à História.

<sup>19</sup> Lia Dias Laranjeira. *O culto da serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia: séculos XVII e XVIII*. Salvador: EDUFBA, 2015.

<sup>20</sup> Dossiê "Reciprocidade em desequilíbrio: história das relações entre animais". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Volume: 28 Suplemento 1, (2021). <https://www.scielo.br/j/hcsm/i/2021.v28suppl1/> e Dossiê "La Historia de los Animales en América Latina y el Caribe", *Revista de História Ambiental, Latino-americana e Caribenha/HALAC*, Vol. 14 Núm. 3, (2024). <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac>

<sup>21</sup> Iphan, *Publicado no Diário Oficial da União o tombamento do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Oxumaré*. *Portal Iphan Notícias*. 10 de julho de 2014, <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/262>

de origem indo-europeia<sup>22</sup>, as serpentes não figuram no rol dos animais não humanos a quem a história tem se dedicado, talvez por não serem espécies companheiras como cães e gatos<sup>23</sup> ou por não estarem diretamente ligadas com a nossa sobrevivência como cultura como os animais que são nossa comida ou que servem à ciência como cobaias. Ou por não serem animais que nos ameaçam coletivamente como as pragas e insetos ou ainda por não terem ganhado a nossa simpatia ou, simplesmente, por estarem muito distantes de nós na genealogia da nossa própria espécie como outros primatas e mamíferos.

Os registros dos encontros que analisamos não remontam as tradições da antiguidade, aos relatos quinhentistas, as histórias dos povos tradicionais e mesmo as mitologias. Imersos nas experiências da ciência e da cultura na modernidade, estes encontros ganharam anotações em diários e relatos que eram produzidos por aqueles que dominavam uma cultura letrada e estavam imbuídos das funções de estado e de ciência. Os documentos das viagens científicas de estrangeiros do século XIX constituem-se em uma fonte bastante expressiva para uma história dos animais<sup>24</sup> e aqui, em uma leitura indiciária<sup>25</sup> para uma história das serpentes. Justamente por deixar ver o olhar acurado dos naturalistas e suas observações e aprendizados em relação aos encontros com a fauna autóctone e os saberes das populações locais estes documentos tornam-se fontes de riqueza impar para a história das relações humano-animais. Escolhemos para contar esta história os relatos das viagens das expedições de: 1. Grigori Ivanovich Langsdorff (1774-1853) que esteve no Brasil entre 1824 e 1825; 2. Heinrich W. Adalbert da Prússia (1811-1873), sobrinho do rei da Prússia, que visitou o Brasil em

---

<sup>22</sup> Franco Júnior, Hilário, "A serpente, espelho de Eva", *Medievalista* [Online], 27 (2020). <https://doi.org/10.4000/medievalista.2840>

<sup>23</sup> Keith Thomás. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*, Tradução João Roberto Martins Filho, São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 138/139.

<sup>24</sup> Paulo Emilio Vanzolini. "A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil", *Revista USP*, n. 30, 191-238, (1996).; Nelson Papavero & Dante Martins Teixeira. "Os viajantes e a biogeografia", *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 1015-1037, (2001); Lorelay Brilhante Kury (org.), *Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX*, Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.; Janaina Zito Losada & José Augusto Drummond. "Espíritos cheios de bichos: A fauna nas viagens de Louis Agassiz e Richard Francis Burton pelo Brasil", *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 31, n. 55, 253-84, (2015); Janaina Zito Losada & Francismary Alves da Silva. *Natureza em cena: expedições científicas como roteiros na história e na historiografia brasileira*, In.: Batista, Ricardo dos Santos; Porto, Paloma & Lopes, Gabriel, *Conhecimento Científico em movimento: circulação, intercâmbios e zonas de contato*. São Paulo: Hucitec, 2023.; e Regina Horta Duarte. "O Lobo Andarilho: Coexistência e Conflitos no Cerrado Brasileiro". *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha*, 15(2), 138-162. (2025).

<sup>25</sup> Carlo Ginzburg. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 151.

1842/1843; 3. Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1811-1873) que atravessaram a Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco entre 1817 e 1820; 4. Maximilien Alexander Philippe zu Wied Neuwied (1782-1867) que esteve na Bahia entre 1815 e 1817 e 5. o explorador e etnógrafo inglês Richard Francis Burton (1821-1880) que visitou o Brasil entre 1861 e 1867 percorrendo o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso<sup>26</sup>.

### OS RELATOS E OS ENCONTROS COM AS SERPENTES

Percebidas, muitas vezes pelo seu farfalhar nos caminhos cheios de folhas secas, ou pelo guisado de sua cauda venenosa. Vistas de relance atravessando os rios e lagos, as serpentes brasileiras, em sua grande maioria não venenosas, são animais comuns em quase todos os relatos das viagens. Tais relatos se constituem em uma fonte polissêmica atravessada pelo tipo de formação do viajante que o escreve, sua função na comitiva, a sua função em seu país de origem, as relações deste império ou país com o Brasil, os interesses da própria viagem, os territórios atravessados e seus biomas, as populações humanas e animais existentes e percebidas, as experiências boas ou não que eram vividas. Desta forma, há uma diversidade de descrições e temas.

No que toca às serpentes podemos ler nestes relatos desde a defesa das “inofensivas cobras” que os “brasileiros matam onde quer que a encontrem, porque antipatizam com todas as serpentes”<sup>27</sup> nos escritos do príncipe alemão de Maximilien Wied Neuwied até caçadas que parecem verdadeiras aventuras, com perseguições em meio a frondosas florestas nas descrições de outro nobre prussiano<sup>28</sup>. Ainda

<sup>26</sup> O etólogo César Ades (1943-2012) já avaliava a importância do papel de alguns destes viajantes naturalistas para as primeiras descrições sobre a fauna no Brasil anteriormente ao nascimento da etologia, a ciência que estuda o comportamento animal. Ver César Ades. “Do bicho que vive de ar, em diante: uma pequena história da Etologia no Brasil”, Boletim da Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, Brasil, v. 78, no 01/2010, 90-104.

<sup>27</sup> Maximilien de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*, (1942), 137. Brasileira Digital. <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/15/viagem-ao-brasil-nos-anos-de-1815-a-1817>

<sup>28</sup> Adalbert Heinrich Wilhelm (Príncipe da Prússia), *Brasil: Amazonas-Xingu* [1847], Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1977. E também a edição do Senado Federal: *Brasil: Amazonas-Xingu* [1847], Brasília: Editora do Senado Federal, 2002.

percebemos a busca pelas imensas serpentes comedoras de homens que habitavam o imaginário dos naturalistas e as muitas linhas de suas descrições.<sup>29</sup>

O viajante inglês Francis Burton que esteve no Brasil entre 1861 e 1867 afirmou que “quando visitam o Brasil pela primeira vez os viajantes vêm prevenidos para encontrar serpentes em todos os caminhos...”<sup>30</sup>, a sua impressão não estava errada, foram muitas as cobras encontradas em sua viagem. Ele descreve encontros com as venenosas: sucuris (*Eunectes*), surucucus (*Lachesis muta*), jararacas (*Bothrocophias*), as cobras-coral e com as inofensivas cobra-cipó e outras da família *Coluber*. Já Langsdorff que esteve no Brasil entre 1821 e 1828 se deparou com a Caninana (*Spilotes pullatus*), a Jibóia (*Boa constrictor*) e a Cascavel (*Crotalus durissus*) que ganha destaque no relato por ser muito comum na região do interior de São Paulo que atravessou, mas sobretudo pelos acidentes ofídicos e pelos remédios conhecidos e utilizados localmente.<sup>31</sup>

O seu relato quer inventariar os caminhos e a natureza por ele desconhecida, mas também orientar outros caçadores que se embrenhem nestas paragens. Num tempo em que os rios Tietê e Paranapanema não conheciam a presença do homem branco, nem mesmo de exploradores e proporcionavam “esplendida caça” diferentemente das regiões que já ouviam o coro das espingardas, o viajante ensinava “os caçadores que visitarem o Brasil precisam ter isso em mente: as antas, as onças e as serpentes ainda podem ser achadas perto da costa, mas são extremamente selvagens e difíceis de se encontrar; além disso o clima é mau e a marcha detestável.”<sup>32</sup> A descrição destes animais traz uma preocupação que coloca em ação os processos de nomeação, de datação, localização e de detalhamento dos espécimes encontrados. As suas medidas e dimensões, os padrões de cores de suas peles, os desenhos nas escamas, os hábitos e padrões alimentares, as formas de reprodução, a descrição do habitat, a interação com outras espécies, os seus sabores, os medos e as dores que causaram e que lhes foram

<sup>29</sup> Richard Francis Burton. *Viagens aos planaltos do Brasil*, Tomo I, II e III, (1869) Tomo II. São Paulo/Rio de Janeiro/ Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941, 314.

<sup>30</sup> Burton, *Viagens*, II, 371.

<sup>31</sup> Danúsio Bernardino da Silva (org.). *Os Diários de Langsdorff [online]*. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997. Vol. 1.

<sup>32</sup> Burton, *Viagens*, II, 187.

causadas também constituem este universo narrativo. Das percepções relatadas dos encontros entre outros animais não humanos e as serpentes, sabemos que cavalos, burros, bois e cabras foram espécies domesticadas que também sofreram com os acidentes ofídicos, como cães e os silvestres tapires (*Tapirus terrestris*). Destes, não temos o montante dos indivíduos afetados e nem mesmo dos que morreram.

Quanto mais afastados dos núcleos urbanos mais encontros ofídicos poderiam acontecer. E aconteceram. O príncipe de Wied Newied que atravessou a mata atlântica na Bahia afirmava que o “horror pelas serpentes sentido entre os habitantes é excessivo”, analisava que como a grande maioria da população não utilizava sapatos ou botas, os acidentes ofídicos nem eram tão comuns quanto se esperaria. Excessiva era, para ele, a imagem de que a maioria das cobras era venenosa. Afirmava que as venenosas eram poucas e poucos eram os acidentes que levavam a morte.<sup>33</sup> O viajante estava certo no que tocava às serpentes, de todas as mais de 400 espécies de serpentes existentes no Brasil apenas 73 espécies causam envenenamento com alguma repercussão na saúde<sup>34</sup>.

Sobre a cascavel (*Crotalus durissus*), o viajante descreve a sua história natural, seu habitat e seu chocalho característico. Quanto mais ao interior de Minas mais a expedição encontrava estas cobras. Recorda de Humboldt e descreve as grandes cascavéis que encontrou nas caatingas. Os acidentes ganham notícia, as mordeduras mortais das jiboias (*Boa constrictor*) e as suas “enormes peles” recebidas e colecionadas pelo viajante, ao lado das mortes dos animais que acompanhavam as expedições o convencem de como estas espécies eram comuns e numerosas naquela região em direção ao sertão.<sup>35</sup>

Quando o perigo se instala na expedição a narrativa ganha rastros de romantismo, o príncipe viajante descreve que em um ato heroico salvou com tiro um

---

<sup>33</sup> Wied Newied, *Viagem*, 189.

<sup>34</sup> Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, *Boletim Epidemiológico*. Volume 54, nº 18/19, dez. 2023.

<sup>35</sup> Wied Newied, *Viagem*, 382/383. De Minas à Bahia as preocupações com as cobras atingem mesmo a legislação das cidades. Em Alcobaça/Ba, no código de posturas da cidade, datado de 1847, já encontramos marcado o destino dos animais de criação (reses) que forem mordidos por cobras, e que “deverão ser enterrados ou queimados por seus donos” caso contrário é previsto o pagamento de uma multa. (Correio Mercantil: Jornal Político, Commercial e Litterário, Edição 0004, 1847. <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=186244&Pesq=cobra&pagfis=6544>

dos indígenas que acompanhava a comitiva. Uma jararaca (*Bothrops jararaca*) passou muito perto dele e estando “escondida entre as folhas secas” se ergueu e mostrou seus “dentes formidáveis”. E teria mordido o indígena se não o tivesse salvo o europeu<sup>36</sup>. Nota-se um desejo de nobreza no registro da salvação. O homem foi salvo, mas em nenhum momento foi nomeado. Aí o homem indígena é invisibilizado mesmo quando dele se fala.

O processo de nomeação e conhecimento da natureza pela ciência estava dando seus primeiros passos, a evolução de Darwin ainda era tema de controvérsias, a nomenclatura de Linneu ainda estava em consolidação. A ciência europeia e depois a ciência brasileira vai se debruçar sobre o tema dos animais e vai buscar inventariá-los, identificar suas características de espécie, a sua localização nas porções territoriais e seus possíveis usos para a cultura e para a sociedade.

#### USOS DAS SERPENTES E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

A ciência vai se debruçar de forma muito particular sobre o tema das formas médicas de salvamento daqueles que sofrem acidentes com serpentes venenosas. O uso das folhas de guaco (*Mikania glomerata*) amassadas e friccionadas no ferimento com efeitos terapêuticos já era descrito na literatura médica luso brasileira desde o século XVIII, segundo a Memória publicada por Emilio Joaquim da Silva Maia<sup>37</sup>. Mas é apenas no início do século XX que o soro antiofídico é registrado pelo médico sanitarista Vital Brazil que desenvolve “soros específicos para cada gênero e espécie de cobra” e segundo Mario Aragão revoluciona a ciência brasileira.

O uso do veneno das cobras como medicamento foi testado de muitas formas durante o século XIX enquanto as ciências e a experimentação científica se desenvolviam e se profissionalizavam, o relato de um experimento com uma cobra cascavel na cidade de Rio de Janeiro no ano de 1838 ganha as páginas do jornal baiano

---

<sup>36</sup> Wied Newied, *Viagem*, 189.

<sup>37</sup> Ver *O Monitor*, Edição 124, 1881. <http://memoria.bn.gov.br/docreader/704008/5640>. A mesma notícia foi publicada no periódico *A Gazeta da Bahia* (Ba), Edição 238, 1881. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/213454/2928>

*Correio Mercantil: Jornal Politico, Commercial e Litterário*. Com o título “O Elefantiaco Marianno José Machado – A cobra Cascavel”<sup>38</sup> o artigo, anteriormente publicado no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro descreve uma experiência a que se submeteu o Sr. Santos, caracterizado como “homem branco de cerca de 50 anos” acometido de “elefantíase leotina (Alibert)”<sup>39</sup>. A descrição é realizada a partir das informações dadas pelos srs. Maia e Reis, assim citados no jornal, não tendo o narrador assistido a experiência. Nela descreve a condição do homem, avalia a doença no estágio apresentado e relata a experiência da exposição do mesmo à mordedura de uma cobra cascavel (*Crotalus durissus*), realizada as 11h 55 do dia 04 de setembro daquele ano. O sr. Santos estava há seis anos acometido pela “doença hedionda” e há quatro anos recluso no Hospital dos Lázaros. O relato, publicado em duas páginas, afirma que a existência do homem havia se tornado um peso e a morte poderia ser a terminação da sua desgraça, “de bom grado ele arriscaria todo este resíduo de existência atrás de um mínimo vislumbre de esperança consoladora e o mais pequeno grau de possibilidade de sarar”, “tal era o estado e disposição de seu ânimo, tal a resolução de sua vontade” que tomou para si o sacrifício da experiência na esperança de uma cura que significaria também uma vantagem “para milhares de seus semelhantes, afligidos pela mesma doença.”<sup>40</sup>

Assim que obteve alta médica, correu “animoso e resoluto para a casa entregar-se aos dentes do réptil mais venenoso, cuja mordedura mata as vezes em poucos instantes, cegando imediatamente ao mordido, produzindo tremores, convulsões e fazendo sair sangue por todas as aberturas do corpo e até pelos poros da pele” (FBN, *Correio*, 1838). Assinada de seu punho uma declaração de sua vontade, contra “os pareceres e conselhos dos homens de ciência, chama inteiramente sobre si toda a responsabilidade e introduz impávido a mão na gaiola que encerra a mortífera serpente”.<sup>41</sup>

<sup>38</sup> Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca digital, O Elefantiaco Marianno José Machado – A cobra Cascavel. *Correio Mercantil: Jornal Politico, Commercial e Litterário*. Edição 586, 1838. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/186244/624>

<sup>39</sup> Possivelmente Jean Louis Alibert (1768-1837) médico e dermatologista francês.

<sup>40</sup> Fundação, *Correio*, 1838.

<sup>41</sup> Fundação, *Correio*, 1838.

Inicialmente inofensiva a cobra parece fugir do ataque, lambendo a mão do homem por minutos que parecem uma eternidade no relato. Mas o adoentado a provoca, apertando-a e obrigando-a a defender-se. A cobra morde e “o ferido não sente a impressão da picada dos dentes, nem a ação imediata do veneno introduzido por eles na ferida, sabe que está mordido por os observadores lho anunciarem”.<sup>42</sup> A partir daí e inicialmente sem dor segue a descrição que envolve os detalhes sobre as condições do homem e sobre o impacto causado pelo veneno, sendo anotada cada alteração de pulso, de condições físicas visíveis, a observação de convulsões, o relato e observação das dores, bem como todas as administrações de infusões e outros medicamentos. O sr. Santos morre as 11h 30 do dia seguinte. Também são descritas as condições do corpo/cadáver depois de sua morte lenta e dolorosa e sua rápida putrefação que segundo o narrador não permitiu a realização da autópsia. Depois da mordida, a cobra desaparece do relato.

No desespero moribundo do enfermo o veneno da cobra poderia ter curado a elefantíase (*Filariose linfática*) neste perigoso experimento, que pode mesmo aparentar um suicídio assistido, afinal os médicos e cientistas não indicaram a experimentação e se ocuparam de não assumir as responsabilidades legais, mas não saíram de perto do enfermo depois da aplicação da mordedura e registraram o experimento passo a passo. Desta forma, buscava-se observar o efeito dos venenos e também analisar seu potencial medicamentoso. Mas o uso do animal para fins da saúde das pessoas não se ocupava apenas do seu veneno.

O uso da carne de cobra como medicina para problemas como a sarna, doenças venéreas e de pele foi registrada na expedição de G. I. Lagsdorff que atravessou o Brasil entre 1821 e 1828. Relata o viajante que ao esfolar e cortar uma grande cobra todos os homens da expedição se aproximaram dele para garantir seu pedaço. O guia da expedição contava que “por experiência própria” curou com a carne de cobra uma sarna

---

<sup>42</sup> Fundação, *Correio*, 1838.

“renitente que já durava quatro anos” e para isto “comeu da carne da cobra uma vez só e ficou curado”<sup>43</sup>

De Humboldt à Vital Brazil a natureza é objeto e sujeito da história. A sua descrição, domínio, registro, divulgação e controle andam lado a lado com a caça, a captura e a domesticação, a conservação em álcool, a taxidermia e, muitas vezes, demonstram a fuga dos animais, a sua morte e extinção. Em várias vezes viajantes ouvimos que as cobras são preguiçosas, e que é fácil caçá-las e matá-las, mas também que muitas fogem a este destino e se salvam, por conta própria, da sanha de caçador dos humanos que cruzam os seus caminhos.

A observação dos encontros e das ações que eles engendram também querem registrar o ambiente de forma mais ampla. Neste sentido, a descrição de Wied-Newied marca o ambiente de prevalência da cascavel (*Crotalus durissus*), descrita como cobra de chocalho nas "caatingas ou matos baixos e nas moitas pedregosas dos campos", nos caminhos das tropas e dos rebanhos. Nos caminhos das boiadas era fácil encontrar estes animais, que estavam preguiçosamente enrolados nas árvores quando os bois passavam. Assim, parecia igualmente fácil matar estes animais que permaneciam em suas tocas dias inteiros.<sup>44</sup>

A história natural dos animais e particularmente das serpentes são uma das marcas das experiências científicas na modernidade. A fundação de uma herpetologia brasileira ainda tardaria um pouco e apenas com Adolfo Lutz (1855 – 1940); Vital Brazil (1865 – 1950) e Emilio Goeldi (1856-1917) ela daria seus primeiros passos, depois deles Alípio de Miranda Ribeiro (1874 – 1939), José Florêncio Gomes (1886-1919), Bertha Lutz (1894 – 1976) e Afrânio do Amaral (1894 – 1982) seriam referências fundamentais<sup>45</sup>.

Mas as serpentes já eram objeto da ciência, das descrições naturalistas e de um saber zoológico no tardio século XIX. Naquela altura as formas de alimentação,

---

<sup>43</sup> Silva, *Os diários*, 149.

<sup>44</sup> Wied Newied, *Viagem*, 382/383.

<sup>45</sup> Myriam Elizabeth Velloso Calfei & Cibele Cintia Barbarini. "A origem e a constituição dos acervos ofiológicos do Instituto Butantan", *Cadernos de História da Ciência*. vol. III (2007). 73-100. Karina Nunes Kasperoviczus & Selma Maria de Almeida-Santos. "Instituto Butantan e a jararaca-ilhoa: cem anos de história, mitos e ciência", *Cadernos de História da Ciência*, Vol. VIII, 2, (2012). 255-269.; Rebouças, Raoni, "Cladograma dos herpetólogos do Brasil", *Herpetologia Brasileira*. Vol. 11, n. 1, (2022).

reprodução e de ataque eram os temas recorrentes quando o assunto eram as serpentes. As formas como elas se levantavam e pulavam em direção a presa, a forma como estrangulavam e comiam a sua presa e as suas muitas formas de fuga também se destacam.

### **DAS CAÇADAS, DOS ATAQUES E DAS FUGAS**

Em 29 de novembro de 1842, Adalberto da Prússia registrou no relato de viagem o seu amor à caça e afirmou que tal amor era incitado pelas belas gaivotas brancas com a cabeça vermelha, desconhecidas até então pelo viajante e que tomavam o seu olhar que acompanhava atento o movimento do voo do pássaro. Na descrição romântica os olhares viajantes correm pela paisagem, entre árvores e animais, entre as sombras e luzes das matas buscando o nunca visto para se demorar observando um pouco e, ali, deleitava-se de prazer<sup>46</sup>. Ao subir o Amazonas o orgulho de caçador é expresso e o viajante, depois de descrever o processo da caça e da esfolação de uma grande serpente (*Boa constrictor*), estende a “bela pele” de 5 metros e meio no toldo da cabana.

São muitos os relatos de encontros com pequenos grupos de serpentes, as vezes cobras pequenas, filhotes, as vezes cobras grandes e adultas. Em uma cena de caça descrita por Langsdorff o caçador matou um filhote de surucucu (*Lachesis muta*), visto primeiramente e quando viu o animal adulto atirou, mas a grande cobra conseguiu fugir<sup>47</sup>.

As caçadas são uma das atividades típicas das nobrezas europeias e através das lentes de Spix e Martius a ocupação predileta das populações indígenas<sup>48</sup>. As cenas de caça constituem parte expressiva dos relatos viajantes, e mesmo quando eles não são os caçadores, tais cenas funcionam como dispositivo de análise, deixam ver as relações que estes indivíduos estabelecem com os animais encontrados, e também deixam ver as hierarquias no interior da expedição e um certo olhar admirado pela destreza de caça

---

<sup>46</sup> Adalbert Heinrich Wilhelm (Príncipe da Prússia), *Brasil: Amazonas-Xingu* [1847], Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1977. 158.

<sup>47</sup> Silva (org.). *Os Diários*. 149.

<sup>48</sup> Johann Baptist Spix & Carl Friedrich Philipp von Martius, *Viagem ao Brasil*, Vol. 2, Belo Horizonte, Mg; Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1981. 86.

dos indígenas e negros escravizados que acompanhavam e guiavam as viagens<sup>49</sup>. As caças alimentavam as expedições e, sobretudo, serviam à ciência. Descrevem espécies novas a cada dia, seu comportamento e formas de reprodução, descrevem suas existências nos biomas e nas paisagens, coletam seus corpos, desenham suas cores, nomeiam e registram, ampliam e fazem circular as informações existentes sobre estes animais alimentando o imaginário sobre a natureza tropical.

As descrições sobre as serpentes também ganham a circulação das notícias em periódicos. Em 1880, no jornal baiano *O Monitor* se apresenta uma cena nomeada de horrorosa, ocorrida em um zoológico francês, na qual um médico descrito como apaixonado pelos animais peçonhentos, entra em uma jaula para cuidar de uma serpente de 15 pés de comprimento que sofria inflamação na mandíbula. Ao ver-se agarrada pela cabeça, a cobra “escancarou a boca deu um silvo e principiou a apertar em suas roscas tortuosas os braços e as pernas do agressor.”<sup>50</sup> A notícia explicita que a situação do médico era crítica e que a serpente o apertou muito, fazendo ranger-lhe as costelas, até que o médico a soltou. Imediatamente ela o deixou e se escondeu nas pedras da jaula. Neste relato o agressor é o médico e a cobra, mesmo perigosíssima, e ao lado de outras tantas que segundo a reportagem se organizaram para salvá-la, era a vítima que, e ao ver cessar a agressão, para de reagir e se dá a fuga.

Este movimento de fuga é descrito em muitas notícias que contam sobre os encontros entre serpentes e humanos no Brasil oitocentista. Encontros que de casuais se tornam grandes espetáculos de caça e perseguição. Ainda que envolta em uma ética própria, que remonta as tradições dos antigos manuais de caça, as caçadas são momentos particulares de exercício da violência. Retomemos as palavras do príncipe prussiano W. Adalberto, que avistou um grande “novelo prateado” nas margens do amazônico Tagipuru e de sua canoa um dos viajantes, o conde Oriolla, disparou contra ela, errando o alvo, mas acertando-lhe a cauda. Aí começa uma caçada intensa, a cobra, chamada de “colossal fujona” é perseguida:

---

<sup>49</sup> Losada & Silva. *Natureza*.

<sup>50</sup> FBN, *O Monitor*, 1880.

Num abrir e fechar de olhos a maior parte de nossa tripulação precipitou-se na água, com um ardor, como se se tratasse de mais do que uma simples caçada, para alcançar a margem. [...]saltei para cima de um dos muitos galhos que um tronco caído nos estendia e que devia me servir de ponte para chegar o mais depressa a terra firme, pois já imaginava a cobra longe na floresta virgem. Muito embora fosse pequena minha esperança de ainda alcançá-la esforçava-me o quanto podia<sup>51</sup>.

O animal segue em fuga, serpenteia pela floresta e tenta se esconder em um tronco de árvore, mas “apenas a cabeça da gigantesca serpente entrara debaixo do tronco; o Conde vibrou-lhe com sua faca de mato um golpe no meio do corpo; como, porém, mal rasgara a pele dura, atirou-se-lhe com todo o peso em cima, enterrando-lhe a faca nas costas.<sup>52</sup> Era impossível deter a cobra que segundo o relato arrastava “irresistivelmente seu perseguidor” pela faca em seu corpo. Para o viajante foi um golpe de sorte a cobra não revidar ao ataque e se esforçar muito na fuga. Sorte maior, segundo ele, foi a de outro nobre da expedição que armado com uma espingarda deu um tiro a queima roupa na cobra, que a deixou como morta. Mas logo a cobra reagiu e o viajante narrador conta que ainda desferiu contra ela golpes com um “cacete” e outros tantos com uma faca. Ainda assim, para a sua morte foi preciso de mais um tiro de arma de fogo que a atingiu na cabeça.

O narrador em tom de lamento escreve: “deve ter sido admirável ver este monstro animal, ainda pouco antes com toda a pujança de sua enorme força[...]”<sup>53</sup>. A admiração e pavor pelas imensas serpentes e o impacto do encontro com os humanos também podem ser percebidos quando nos caminhos das Minas Gerais, Richard F. Burton atesta que a “horrenda” sucuriu (*Boa anacondo*) quando “não é perturbada pelos homens e queimadas, alcança o tamanho descomunal de trinta pés.”<sup>54</sup>

<sup>51</sup> Wilhelm (Príncipe da Prússia). *Brasil*. 244.

<sup>52</sup> Wilhelm (Príncipe da Prússia). *Brasil*. 245.

<sup>53</sup> Wilhelm (Príncipe da Prússia). *Brasil*. 159.

<sup>54</sup> Burton, *Viagens*, II, 370.

O encontro com as cobras são parte das descrições que envolvem as paisagens em uma leitura cênica que envolve elementos da natureza, lugares, biomas, regime de águas e criaturas vegetais, animais e humanas. Também são uma constante no relato a descrição das ações e reações dos viajantes e exploradores estrangeiros que observaram, em curto espaço de tempo, as terras e os povos do Brasil. No relato sempre muito observador de Adalberto da Prússia podemos ler:

O estacar e o bufar do Botocudo fez-me baixar os olhos para o caminho, onde uma cobra enroscada aquecia-se placidamente ao sol, depois do longo período de chuvas, e, de súbito, desenroscando-se assustada, e fugindo às patas do cavalo, ganhou em rápido serpear o matagal. Das três cobras que vimos esta tarde, nenhuma parecia ter dois metros de comprimento, mas entre elas encontrava-se a mais temida, a venenosa jararaca; era tão fina quanto as outras. Por duas vezes ouvimos ainda o farfalhar de uma cobra, sem, contudo, tê-la visto."<sup>55</sup>

Ai não há descrição de caça ou de algum acidente ofídico, nem tão pouco de morte das serpentes, há apenas o encontro, a sensação da presença e a fuga dos animais.

A relação humano-animal tem historicidade e uma luta como a descrita pelo príncipe prussiano ou um experimento como o descrito pelo *Correio Mercantil* pode ferir nossas sensibilidades contemporâneas. A outridade dos animais, tem ganhado ao longo da modernidade novas significações, desde a ruptura cartesiana homem x natureza dos séculos XVIII e XIX, ainda persistente, até a produção das rupturas do contemporâneo e a percepção do animal como sujeito. Os animais não humanos figuraram e figuram hoje como o grande outro de nossa cultura<sup>56</sup>. Um outro que ocupa nossas preocupações contemporâneas na ciência, na literatura e na filosofia<sup>57</sup>.

<sup>55</sup> Wilhelm (Príncipe da Prússia). *Brasil*. 86.

<sup>56</sup> Nunes. *O Animal*. 13.

<sup>57</sup> Lestel. *As origens*. (2001); Jaques Derrida. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002; Thomas Nigel, "Como é ser um Morcego?." (1974) *Cadernos de Filosofia e História da Ciência*, Série 3, v. 15, n. 1 (2005) 245-62; Felice Cimatti, *Filosofia de la animalidade: mas allá de lo humano*. Barcelona: Tercero Incluido, 2021; Maria Esther Maciel. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023.

Os relatos analisados aqui demonstram um espaço significativo para os animais silvestres e predadores, um espaço cheio de curiosidade, medo, conhecimento, limites e sempre atravessado pela condição de “senhor da natureza” que humanos modernos ocuparam antropocentradamente no topo da evolução e da cadeia/rede alimentar. Se nos indagarmos, na esteira de Vinciane Despret<sup>58</sup>, sobre o que diriam estas cobras, ou cada uma delas, considerando a sua individuação<sup>59</sup>, poderíamos encontrar certamente a resistência à morte como instinto, como necessidade, como opção. Ou acaso, no caminho proposto por Felice Cimatti, encontraremos um animal que busca desesperadamente uma saída da jaula antropogênica, que o nomeia, que o domina, que o encarcera, que permite matá-lo e que o mata. Para as cobras dos relatos analisados se apresentou um devir humano, elas morderam, se deram a fuga ou morreram; já para os humanos - homens, viajantes, oitocentistas, ilustrados - a afetação da experiência na vida se deu como um possível e breve devir cobra que no encontro, na coexistência e no conflito reconheceram a beleza e pujança do animal, mas também transformaram as partes do corpo animal como tristes e bizarros troféus de sua civilização.

É certo que as cobras resistiram toda a sorte de violência sobre os seus corpos e com isto se tornaram registro. A história de suas vidas ou mortes são trechos rápidos dos diários ou das notícias analisadas aqui, mas deixam ver este outro tempo histórico em sua mais aguda transparência e nos fluxos de seus múltiplos devires. Nas cenas destes encontros os animais nem sempre são as vítimas e os caçadores podem ser vorazes homens de letras, que estudam os corpos dos animais, preocupados com a descrição das espécies e com o inventário do mundo da natureza, mas cravavam-lhes adagas e tiros sem nenhuma cerimônia. A preocupação com a extinção das espécies estava ainda distante e a produção de coleções zoológicas das modernas nações oitocentistas demonstravam a pujança de suas atividades tornando-se mesmo um movimento de ações políticas instrumentalizadas de impérios e instituições e, por fim, de exercício agudo do poder no Antropoceno<sup>60</sup>. Neste sentido, um último exemplo na

<sup>58</sup> Vinciane Despret, "O que diriam os animais?" São Paulo: Editora Ubu, 2021.

<sup>59</sup> Lestel. *As origens*. (2001).

<sup>60</sup> Mendes, J. (2020). O "Antropoceno" por Paul Crutzen & Eugene Stoermer. *Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*, 1. <https://doi.org/10.21814/anthropocena.3095>

leitura das fontes é uma sentença de Burton que afirmava que em meio à floresta o caçador abria com dificuldades “um caminho com o facão” e sentia-se “como se estivesse alojado numa jaula vegetal.”<sup>61</sup>

Em meio às matas fechadas os animais eram os fujões, os que ficavam na espreita, os que reagiam e atacavam. O medo causado pelas serpentes dos *causos* ouvidos e registrados pelos viajantes são um capítulo curioso desta história. Os cientistas oitocentistas não deram credibilidade as histórias da mãe-d’água, da *araçamboia*, das fórmulas para encantar serpentes monstruosas e evitar os possíveis encontros com elas, registros das “fábulas do povo” que coletados foram devidamente criticados e desqualificados pelos naturalistas, mas circularam e ainda assim influenciaram em grande medida as suas descrições. Mas, tanto as narrativas científicas quanto as histórias míticas ou contos populares nos dão conta de um imaginário profundo sobre as cobras. Ideias, imagens e sensações que ainda podem nos ocorrer ao entrarmos nos rios e andarmos pelas matas e interiores no Brasil.

Dizem que no meu bairro, o Paraíso dos Pataxós em Porto Seguro, tem uma grande cobra que habita o pequeno riacho que desagua na praia. As vezes ela gosta de tomar sol no rio, outras vezes faz o percurso entre a mata e a praia. É o mesmo percurso que eu também faço quando vou à praia, mas eu vou pela rua que margeia o rio. O bairro é já urbanizado mas ainda, em 2025, vive a disputa territorial entre a urgente retomada indígena e o poder imobiliário local e internacional. Um lugar sensível, mas sofre há muito tempo os impactos dos processos de civilização e urbanização. A natureza espremida vai desaparecendo. Nunca encontrei com esta serpente, e infelizmente não sou muito otimista quanto ao seu futuro, mas foi ela que inspirou esta história.

---

<sup>61</sup> Burton. *Viagens*. 465.

## AGRADECIMENTOS:

Agradeço o Grupo de Leitura Filosofia Animal (Diversitas-FFLCH/USP e Grupo Praxis- CFUL), e o Centro de Documentação e Memórias Sul da Bahia/CEDOC/CFCHS/UFSB que acolheram debates, leituras e pesquisas e ao financiamento da Universidade Federal do Sul da Bahia/UFSB (PVC 1464-2024/Processo 23746.003768/2024-01). Agradeço ainda a leitura atenta e generosa deste artigo realizada pelos professores Dr. Luiz Norberto Weber e Dra. Luciana Beatriz Bastos Ávila, bem como dos pareceristas desta Revista.

## REFERÊNCIAS

Ades, César. “Do bicho que vive de ar, em diante: uma pequena história da Etologia no Brasil.” *Boletim da Academia Paulista de Psicologia* V. 78 (2010) 90-104. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2010000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2010000100006&lng=pt&nrm=iso)

Aragão, Mário. “Oportuna coletânea sobre a história da ciência no Brasil.” *Cadernos de Saúde Pública* Vol. 5 (4) (1989) <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/218>

Araújo, Maria de Lourdes Lopes. “Comidas tradicionais são comidas de antigamente”: soberania e segurança alimentar e nutricional na Terra Indígena Mata Medonha.” [Tese de Doutorado] Porto Seguro: Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade/UFSB, 2024.

Argolo, Antônio Jore Suzart, *As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia*. Ilhéus: Editus, 2004.

Aristóteles. *História dos animais*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

Ávila-Pires, Tereza Cristina. “A contribuição de Osvaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) à Herpetologia.” *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Volume 6, Nº 1 (2011) 229 – 231.

Bochner, Rosany & Struchiner, Claudio José. “Epidemiologia dos acidentes ofídicos nos últimos 100 anos no Brasil: uma revisão.” *Cadernos de Saúde Pública* 19 (1) (2003) <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000100002>

Burton, Richard Francis., *Viagens aos planaltos do Brasil.*, Tomo I, II e III. , São Paulo/Rio de Janeiro/ Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941. Tomo I <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/281>

Calleffo, Myriam Elizabeth Velloso & Barbarini, Cibele Cintia. “A origem e a constituição dos acervos ofiológicos do Instituto Butantan.” *Cadernos de História da Ciência*, Instituto Butantan. vol. III (2007) 73-100. <https://bibliotecadigital.butantan.gov.br/arquivos/25/PDF/a05v3n2.pdf>

Camargo, Antônio Carlos Martins de, “As contradições da política de saúde no Brasil: o Instituto Butantã.” *Perspectiva* 16 (4) (2002) <https://doi.org/10.1590/S0102-88392002000400011>

Cimatti, Felice, *Filosofia de la animalidade: mas allá de lo humano*. Barcelona: Tercero Incluido, 2021.

Costa, H. C., Guedes, T. B., & Bérnils, R. S.. Lista de Répteis do Brasil: padrões e tendências (2022) <https://doi.org/10.5281/zenodo.5838950>

De Mello, Margot. *Animals and Society: an introduction to Human-Animal Studies*. New York: Columbia University Press, 2012.

Delort, Robert. *Les animaux ont une histoire*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

Derrida, Jaques. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

Despret, Vinciane. *O que diriam os animais?*. São Paulo: Editora Ubu, 2021.

Dobroruka, Vicente. “O uso de Dioniso como item de propaganda na revolta de Espártaco: um estudo de caso.” *Topoi* Vol. 21 (44) (2020) <https://doi.org/10.1590/2237-101X02104401>

Duarte, Regina Horta. “História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação.” *História Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha*, 9(2), 16–44 (2019) <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2019v9i2.p16-44>

Fittkau, Ernst Josef, “Johann Baptist Ritter von Spix: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador no Brasil.” *História, Ciências Saúde/Manguinhos*. Vol. 8 (supl.), 2001, <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/JCqv3hsYnpJGMdhWRfNDQzM/?lang=pt>

Franco Júnior, Hilário, “A serpente, espelho de Eva”, *Medievalista* [Online] 27 (2020) <https://doi.org/10.4000/medievalista.2840>

Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca digital, O Elefantiaco Marianno José Machado – A cobra Cascavel. , *Correio Mercantil: Jornal Político, Commercial e Litterário.*, Edição 586, 1838. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/186244/624>

Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca digital, *O Monitor (Ba)*, Edição 133, 1880. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/704008/4539> Acesso em 13 nov., 2024.

Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca digital, *O Monitor*, Edição 124, 1881. <http://memoria.bn.gov.br/docreader/704008/5640> Acesso em 11 nov. 2024.

Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca digital, *Scena horrorosa, O Monitor (Ba)*. Edição 133, 1880. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/704008/4539> Acesso em 13 out. 2024

Ginzburg, Carlo, *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Brasília: ICMBio, 2018, 4162 p.

IPHAN. *Preservação de bens afrodescendentes*. Terreiro Axé Oxumaré, 2014. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1635/>

Kalof, Linda. *Looking at Animals in Human History*. Londres: Reaktion Books, 2007.

Kasperoviczus, Karina Nunes & Almeida-Santos Selma Maria de. “Instituto Butantan e a jararaca-ilhoa: cem anos de história, mitos e ciência” *Cadernos de História da Ciência*, Instituto Butantan. Vol. VIII (2) (2012) 255-69. <https://bibliotecadigital.butantan.gov.br/arquivos/35/PDF/v08n02a04.pdf>

Kury, Lorelay Brilhante (org.). *Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.

Langsdorff, Grigori Ivanovich G. L., *A Expedição do Acadêmico G. L Langsdorff ao Brasil (1821-1828)*. , São Paulo: Brasiliense. Vol. 329.

Laranjeira, Lia Dias. “O culto da serpente nas práticas religiosas do reino de Uidá (séculos XVII e XVIII).” *Anais do XXVI Simpósio da Anpuh*. São Paulo: Anpuh, 2011

Laranjeira, Lia Dias. *O culto da serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia: séculos XVII e XVIII*. Salvador: EDUFBA, 2015.

Lestel, Dominique. *As origens animais da cultura*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

Losada, Janaina Zito & Silva, Francismary Alves da. “Natureza em cena: expedições científicas como roteiros na história e na historiografia brasileira” In Batista, Ricardo dos Santos; Porto, Paloma & Lopes, Gabriel, *Conhecimento Científico em movimento: circulação, intercâmbios e zonas de contato*. São Paulo: Hucitec, 2023.

Losada, Janaina Zito. “No rastro dos Animais: historiografia, caçadas e expedições científicas no Brasil.” *Revista Ars Historica*, nº 25 (2023) 93-115 <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/60713>

Losada, Janaina Zito; Drummond, José Augusto. “Espíritos cheios de bichos: A fauna nas viagens de Louis Agassiz e Richard Francis Burton pelo Brasil” *Varia História* vol. 31, n. 55 (2015) 253-84.

Maciel, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023.

Magalhães, Octávio de, “Campanha Antiofídica em Minas Gerais”, *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* Volume 56, Nº 2. (1958) 291 – 369.

Maximiliano I, Ferdinand Maximilen von Habsburg (1832-1867), *Bahia, 1860: Esboços de Viagem.*, Tradução de Antonieta da Silva Carvalho, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Bahia: Fundação Cultura do Estado da Bahia, 1982.

Maximiliano I, Ferdinand Maximilen von Habsburg (1832-1867)., *Mato Virgem.*, Tradução de Moema Parente Augel, Ilhéus: Editora UESC, 2010.

Mendes, João Ribeiro, 2020. “O “Antropoceno” por Paul Crutzen & Eugene Stoermer”. *Anthropocenica*. *Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica*, 1. <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3095>

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, Boletim Epidemiológico. Boletim Epidemiológico, Volume 54, nº 18/19, dez. 2023. <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-18/view> Acesso em 14 nov. 2024

Navarro, Alexandre Guida, “Las serpientes emplumadas de Chichén Itzá, México, y las etapas de construcción de la Gran Nivelación.” *História* (São Paulo) Volume 37 (2018).

Nigel. Thomas, “Como é ser um Morcego?.” (1974) *Cadernos de Filosofia e História da Ciência*, Série 3, v. 15, n. 1 (2005) 245-62.

Nogueira Cristiano Campos; Argolo, Antonio J. S.; Arzamendia, Vanessa; Azevedo, Josué Angelo; et al. “Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna.” *South American Journal of Herpetology* 14 (Special Issue 1) (2019) 1-274, <https://doi.org/10.2994/SAJH-D-19-00120.1>

Nunes, Benedito. “O Animal e o Primitivo: os outros de nossa cultura In Maciel, Maria Esther. *Pensa/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biolítica*. Florianópolis: UFSC, 2011.

Oliveira, Leandro Vilar & Alves, Victor Hugo Sampaio. “O simbolismo mágico-religioso da serpente nas tradições nórdica e finlandesa.” *Sacrilegens* v. 20, n. 1 (2023) 182-205 <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/40002>

Pádua, J. A. & Carvalho, A. I.. “A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil” *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* vol. 27, n. 4, (2020) 1311-40 <https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000500015>

Papavero, N.; Teixeira, D. M., “Os viajantes e a biogeografia”, *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. VIII (suplemento) (2001) 1015-1037 <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/msnQn4Mgkghb8fPHJhXFWwt/>

Papavero, Nelson. *A zoonimia tupy nos escritos quinhentistas europeus*. São Paulo: NEHILP/FFLCH/USP, 2014. [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apapavero-2014-zoonimia/papavero\\_teixeira\\_2014\\_zoonimia.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apapavero-2014-zoonimia/papavero_teixeira_2014_zoonimia.pdf)

Primack, Richard B. & Rodrigues, Efraim. *Biologia da Conservação*. Londrina: Editora Planta, 2001.

Rebouças, Raoni. “Cladograma dos herpetólogos do Brasil.” *Herpetologia Brasileira*. Vol. 11, n. 1 (2022) <https://zenodo.org/records/6533137>

Ribeiro, Maria Goretti. *Imaginário da serpente de A a Z*. Campina Grande: EDUEPB, 2017. <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/13357/1/Imagin%C3%A1rio-da-Serpente-de-A-a-Z.pdf>

Ritvo, Harriet. “History and Animal Studies.” *Society and animal*, n. 10 (4) (2002) Disponível em [https://www.rhinoresourcecenter.com/pdf\\_files/169/1698304885.pdf](https://www.rhinoresourcecenter.com/pdf_files/169/1698304885.pdf)

Rossini, Manuela & Tyler, Tom (eds.). *Animal Encounters*. Boston: Brill, 2009.

Silva, Christiane Tavares Ferreira. *A serpente na narrativa do Gênesis 3: interpretações e tradições judaicas na Antiguidade*, [Tese de doutorado] São Paulo: Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes: Universidade de São Paulo, 2021.

Silva, Danúsio Bernardino da (org.). *Os Diários de Langsdorff [online]*. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997. Vol. 1., <https://books.scielo.org/id/q5cc4>

Sousa, Gabriel Soares de, *Tratado descritivo do Brasil [1587]*, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4795>

Spix, Johann Baptist & Martius, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem ao Brasil*, Vol. 2, Belo Horizonte, Mg; Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1981. Spix, J. B. & Martius, C. F.P., *Viagem ao Brasil*, Vol. 2, Belo Horizonte, Mg; Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1981.

Thomás, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Title, Pascal O., et al, “The macroevolutionary singularity of snakes.” *Science*, 383, (2024) 918-923 .<https://www.science.org/doi/10.1126/science.adh2449>

Vanzolini, P. E. “A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil.” *Revista USP*, n. 30 (1996) 191-238 <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25918>

Wied-Neuwied, Maximilien.. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817* (1942), <http://brasilianadigital.com.br/brasiana/colecao/obras/15/viagem-ao-brasil-nos-anos-de-1815-a-1817>

Wilhelm, Adalbert Heinrich (Adalberto, W. (Príncipe da Prússia)., *Brasil: Amazonas-Xingu [1847]*., Brasília: Editora do Senado Federal, 2002.

Wilhelm, Adalbert Heinrich. (Príncipe da Prússia). *Brasil: Amazonas-Xingu [1847]*, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1977. Adalberto, W. (Príncipe da Prússia), *Brasil: Amazonas-Xingu [1847]*, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1977.

Wilson, Edward O. *Diversidade da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

## Por amor a las serpientes: historias, encuentros y ciencia en el Brasil del siglo XIX

### RESUMEN

El presente artículo desea contar una historia de las serpientes en Brasil a partir de relatos de viajeros extranjeros que atravesaron el país durante el siglo XIX. En los límites entre la historia ambiental y los estudios sobre animales y humanos, esta reflexión busca encontrar los lugares de las serpientes en la historia escrita de Brasil y contar los encuentros entre animales humanos, aquí viajeros europeos y animales no humanos, salvajes o depredadores del orden Squamata, que son las serpientes o ofidios. Esta historia también busca comprender las ciencias involucradas en la identificación, descripción e inventario de las especies e individuos encontrados, sus principales características, posibles usos, los peligros de las serpientes que pican y las relaciones entre especies que estos encuentros engendraron. Se cubrirán los informes de los viajes de Grigori Ivanovich Langsdorff (1774-1853), Heinrich W. Adalbert da Prússia (1811-1873), Johann Baptist von Spix (1781-1826) y Carl Friedrich Philipp von Martius (1811-1873), Maximilen Alexander Philippe por Wied Newied (1782-1867) y Richard Francis Burton (1821-1980).

**Palabras clave:** hermeneutics; environment; interpretation; nature.

Recebido: 17/01/2025

Aprovado: 19/11/2025